

HISTÓRIA DE VIDA, IDENTIFICAÇÃO E SENTIMENTOS: NORBERT ELIAS E O HOMEM QUE VIVEU FORA DO SEU TEMPO

André Mendes Capraro
Centro Universitário Campos de Andrade - Curitiba
Centro Universitário Positivo - Curitiba

Resumo

Coletânea de vários artigos e ensaios escritos por Norbert Elias, à obra *Mozart: sociologia de um gênio*, mostra uma outra perspectiva de análise sociológica, impregnada de sentimentos solidários e de identificação afetiva do autor para com seu objeto de estudo. A obra, que foi “construída” após a morte de Elias, demonstra também a maturidade dos últimos anos de vida do autor que, com maestria, utiliza-se do campo hipotético e da interdisciplinaridade – unindo suas análises sociológicas à complexa interpretação psicanalítica - para compreender melhor a vida de Mozart.

Palavras-chave: Norbert Elias; Mozart; literatura.

Wolfgang Amadeus Mozart morreu em 1791, aos trinta e cinco anos e foi enterrado numa vala comum a 6 de dezembro. Qualquer que tenha sido a doença aguda que contribuiu para seu prematuro falecimento, o fato é que, antes de morrer, Mozart várias vezes esteve próximo do desespero. Aos poucos, foi se sentindo derrotado pela vida. Suas dívidas aumentavam. A família se mudava de um lugar para o outro. O sucesso em Viena, que para ele talvez significasse mais do que qualquer outro, jamais se concretizou. A alta sociedade vienense deu-lhe as costas. O rápido avanço de sua doença fatal pode muito bem estar ligado ao fato que, para ele, a vida perderá o valor. Sem dúvida alguma, morreu com a sensação de que sua existência social fora um fracasso.

Norbert Elias, *Mozart: sociologia de um gênio*. p. 9.

Antes de tudo uma obra literária

Os sentimentos afloram. Em apenas um único parágrafo Elias se aproxima tanto do seu objeto de estudo que acaba sensibilizando o leitor. A vida perdeu o valor para Mozart quando ele não obteve das cortes o reconhecimento que merecia, mas a vida é valorizada quando um intelectual como Norbert Elias põe seu talento em favor de um escrito, mais do que acadêmico, literário. Porém, o que faria Elias relativizar as certezas da maioria dos modelos macro-explicativos? Deixar de lado os estudos de longa duração – fundamentais para o entendimento do processo civilizador? Abandonar a “despersonalização” - crítica ferrenha às interpretações sociológicas – e, aproximar-se do que chamaria Carlo Ginzburg, “Ciência do vivido”¹?

Sem dúvida alguma a obra de Norbert Elias, *Mozart: sociologia de um gênio*, apresenta alguns diferenciais metodológicos e morfológicos das outras obras do sociólogo. Mas, a primeira característica que torna o livro, metodologicamente falando, diferente, é o fato que sua organização e editoração foram feitas por Michael Schröter após a morte de Elias, ao contrário do boato que afirmava que Elias morreu enquanto escrevia esta obra. Tal organizador elucida em posfácio que escrever uma história-sociológica da vida de Mozart era um projeto abandonado ou, pelo menos, adiado por Norbert Elias. O organizador esclarece também seus procedimentos: juntou os desorganizados materiais dos arquivos de Norbert Elias e agrupou-os de forma que fizessem sentido. Este fato, possivelmente seria o principal responsável por estas alterações se, no mesmo posfácio, Michael Schröter não declarasse que este era um hábito constante entre ele e Elias. Acreditamos, para fazer este nosso trabalho, na declaração de Schröter que dizia tentar deixar a obra o mais próximo possível das idéias de Elias.

Creemos que, com a intensidade de sentimentos que a obra foi escrita e, como os rascunhos que compuseram a obra eram todos datilografados ou gravações editadas, Elias não pretendia dirigi-la somente ao público acadêmico, ou o mais provável, não pretendia nem publicá-la. Pois, aqueles rascunhos e gravações representavam simplesmente uma maneira de Elias manifestar sua indignação perante a sociedade de corte, que não aceitou a visão visionária de Mozart; e, ao mesmo tempo, uma forma de homenagear uma pessoa que trouxe tanta satisfação e prazer para o bom apreciador da música erudita. Talvez por seu sentimentalismo, Elias, em vida, tenha abandonado a idéia de escrever sobre a vida de Mozart. Esta hipótese é bem fundamentada se compararmos a formalidade que utilizamos, por exemplo, para redigir um escrito acadêmico e a maneira informal e impregnada de sentimentos que utilizamos para escrever uma carta para um ente querido. Elias escreveu informalmente, contrariando a maioria dos seus escritos. Seus “desordenados” escritos sobre a vida de Mozart, mais do que uma explicação sociológica, se solidarizava com o mesmo. É como se Elias interagisse diretamente com o protagonista compactuando com suas atitudes e decisões.

Utilizamos as cartas pessoais como exemplo de informalidade exatamente porque, elas também demonstram a forma como Elias pretendia conduzir seus escritos sobre Mozart. Existiam duas possibilidades de fontes para esta pesquisa. A primeira era buscar a documentação oficial das diversas Cortes aonde Mozart havia passado. Através dos contratos, poder-se-ia delinear o que Mozart almejava, cruzando estas informações com os escritos sobre o seu comportamento naquela determinada Corte. Além disso, Elias poderia “inverter” a história, esclarecendo o que as Cortes esperavam dos seus músicos artesãos. A segunda opção de fontes, as quais foram preferidas por Elias,

¹ GINZBURG, C. *O Queijo e os Vermes*: o cotidiano e as idéias de um moleiro perseguido pela Inquisição. p.178.

eram as cartas familiares. Na época único meio de contato a distância, foram usadas com muita frequência tanto pelo próprio Mozart quanto por seus pais, irmã e amigos. Só que se tratando de algo de cunho íntimo, as cartas eram repletas de sentimentos: amor e tristeza, dúvidas e certezas, segredos e confissões, enfim carregadas pelo drama que é a vida. Elias escolhe-as propositalmente, ele sabia que as cartas pessoais “tão cheias de vida”, conduziriam o seu próprio sentimento ao escrever. Elas passam uma visão única, o visionarismo de Mozart: suas angústias e inquietações de não ser entendido como um fenômeno musical; o sofrimento do pai que, aceitando as condições de vassalo da Corte, acreditava que do seu talentoso filho Mozart sairia o sustento da família; a mãe, sempre vigilante quanto às atitudes ortodoxas do filho; a irmã – que também era música só que não tão talentosa – sempre incentivando o irmão; as amigas; as amantes; todas estas pessoas expõem suas intimidades nas cartas dirigidas a Mozart da mesma forma que ele se mostra aberto, totalmente desprovido de defesas, ao respondê-las.

Além disso, para contextualizar a pesquisa, ao invés de utilizar-se de dissertações, teses ou ensaios acadêmicos, Elias procura biografias de Mozart, escritas mais pelo valor estético da literatura do que pela “busca da verdade”, fato comum no meio universitário.

A própria obra indiscutivelmente apresenta valores literários muito fortes. Os valores sentimentais, típicos de um bom romance: “Mozart, embora orgulhoso de si e de seus dons, não tinha, no fundo do coração nenhum amor por si mesmo; e pode-se muito bem imaginar que ele não se achava digno do amor”². Trabalhar com categorias como amor, e ainda mais, sugerir ao leitor a utilização da imaginação, com certeza não são pontos pacíficos no meio acadêmico e Elias sabia disso. Mas como já foi afirmado, a finalidade destes escritos ficará sem respostas, nem o próprio organizador sabe porque Elias abandonou o projeto. Sabemos somente que, possivelmente por causa dessa “nova” forma de escrita feita por Elias, esta obra veio a ser negligenciada por boa parte dos seus leitores. Ela é considerada secundária, seus grandes clássicos “O Processo Civilizador”, “A Sociedade dos Indivíduos”, “Os Estabelecidos e os Outsiders”, além do teórico “Introdução à Sociologia”, são todos muito diferentes da postura sentimentalista adotada em “Mozart”.

Contudo, se para o meio universitário a obra não tem tanto valor quanto os outros clássicos de Norbert Elias, para o leitor que aprecia um bom romance - que segundo a interpretação psicanalítica, catalisa as pulsões fazendo com que os leitores introjetem os sentimentos expostos na obra – Mozart, Sociologia de um Gênio é um “prato cheio”.

Se Elias, e o não menos importante Michael Schröter, não tivessem esta preocupação da estética da obra e de torná-la mais agradável ao leitor, não haveria a necessidade de inverter-se a ordem cronológica dos fatos ocorridos na vida de Mozart. Os autores expõem já no início da obra³ o final da dramática vida de Mozart: sua decadência como músico cortesão, o fim do seu grande amor, sua doença e sua morte prematura. Com maestria, este início faz com que o leitor se sensibilize e se solidarize com o que é escrito:

[...] Mozart era uma pessoa que sentia uma insaciável necessidade de amor, tanto físico quanto emocional. Um dos segredos de sua vida era provavelmente a sensação que tinha, desde a mais tenra idade, de que ninguém o amava. Talvez muito de sua música tenha sido uma procura constante de afeto, a busca de estima por parte de um homem que, desde a infância, nunca esteve seguro de merecer o amor daqueles que significassem tanto para ele e que, em alguns aspectos, sentiu pouco amor por si mesmo. Embora a palavra “tragédia” soe aqui um tanto banal e grandiosa, pode-se afirmar, com alguma justiça, que o lado trágico da existência de Mozart deve-se ao fato de que ele, desde jovem, em sua luta por conseguir o amor das pessoas, não se sentiu amado por ninguém, nem mesmo por si próprio. Sem dúvida alguma, é o tipo de carência do qual se pode morrer. Tudo indica que no fim Mozart vivia em estado de solidão e desespero.⁴

Depois que a identificação afetiva do leitor com Mozart é solidificada, Elias discorre sobre o músico de forma cronológica: passando pela sua promissora infância, período que todos os nobres da Corte se encantavam com o talento do menino que era exposto incansavelmente por seu pai, como é afirmado: [quando] “criança Mozart não pode ter sido insensível ao aplauso, afeto, amizade e gentileza das pessoas que encontrava em suas *tournées* de concerto. [...] O menino de sete anos fez refeições na mesma mesa que o rei e a rainha da França. O rei da Inglaterra [...] puxou conversa com ele depois de um concerto [...]. O Papa conferiu-lhe uma distinção com o grau de cavaleiro [...]”⁵. O período infantil é seguido pela adolescência, onde Mozart se estabelece numa pequena Corte, mas já começa a demonstrar sinais de insatisfação com relação ao tratamento que os músicos recebiam, como é explicado... “Os músicos eram tão indispensáveis nestes grandes palácios quanto os pasteleiros, os cozinheiros e os criados, e normalmente tinham o mesmo status na hierarquia da corte”⁶. Finalmente, no final do livro, é abordado o período áureo de Wolfgang Amadeus Mozart, quando o reconhecimento de várias Cortes, quase possibilitou a realização do seu principal empreendimento: tornar-se um músico autônomo. Como é explicitado “nas condições sociais da época e para um músico de sua categoria, a decisão que Mozart tomou foi totalmente inusitada. [...] Mozart contou com a ajuda de famílias que conhecia na aristocracia da corte, para procurar meios alternativos de sustento”⁷.

Entretanto, por que Elias adotaria tal procedimento seqüencial?

Primeiro, porque falar do precoce e triste fim de Mozart sensibilizaria o leitor que desconhece tal história. Segundo, Elias e seu editor e organizador preferem percorrer aquele enredo clássico da literatura que parte da apresentação dos personagens, seguido do aparecimento dos problemas e dramas da vida, no decorrer da obra começa-se a desenrolar estes emaranhados e, finaliza-se sempre com um final feliz. A obra *Mozart: sociologia de um gênio* segue este modelo, ao mesmo tempo em que se atém a vida de um homem, conta esta mesma vida de outra forma, sem que para isso sejam inventados ou omitidos os fatos. Assim, o leitor que cria o vínculo com a obra, sente e sofre com as inquietações de Mozart, segue o desenrolar da sua problemática história e se surpreende com o final feliz quando o músico

² ELIAS, N. **Mozart: sociologia de um gênio**. pp. 14-15.

³ *Ibid.*, pp. 09-14.

⁴ *Ibid.*, p. 11.

⁵ *Ibid.*, p. 84.

⁶ *Ibid.*, p. 18.

⁷ *Ibid.*, p.126.

encontrou o amor da sua vida, Constanze (que no início da obra já havia o abandonado), e casa-se mesmo contra a vontade do pai. Terceiro, a possibilidade da “injustiça” que originou o fracasso de Mozart incomodar tanto a Norbert Elias ao ponto que, representativamente⁸, este tentasse “modificar” a história como o próprio Elias esclarece: “O destino de Mozart é uma comovente ilustração dos problemas enfrentados por alguém que, músico de altíssimo talento foi envolvido por este projeto social não planejado”⁹.

Uma obra interdisciplinar

Entretanto, mesmo com todo este cuidado com a estética literária, de forma alguma podemos afirmar que Elias negligencia suas concepções metodológicas. Por sinal, a obra demonstra com clareza a erudição do autor que “navega” facilmente pela interdisciplinaridade. Diagnostica Mozart como se fora um médico psiquiatra: “Poderíamos falar, por exemplo, de uma estrutura de personalidade maníaco-depressiva com características paranóides [...]”¹⁰; analisa-o através da psicanálise: falando sobre o processo de criação, por exemplo, “em seu caso, a espontaneidade do fluxo-fantasia em grande parte permanecia íntegra quando convertida música. Muitas vezes as invenções musicais fluíam dele como os sonhos emanam de uma pessoa que dorme. Alguns relatos dizem que, às vezes, enquanto em companhia de outras pessoas, ouvia secretamente, dentro de si, uma peça musical que ia tomando forma”¹¹; além, é claro de demonstrar-se um grande conhecedor da música erudita: “A 11 de dezembro de 1784, completou um concerto em fa maior (K 459), com tambores e trombetas tocando tutti, o qual apresentou seis anos mais tarde em Frankfurt, na coroação do imperador Leopoldo II. Trata-se de uma obra acima de tudo escrita para o público, com bravado e virtuosidades ostentatórias”¹².

Além disso, numa obra relativamente curta (149 páginas), Elias utiliza-se de conceitos sociológicos com uma fluidez fantástica. Por exemplo, pensa Mozart como um “outsider”¹³, mas, ao contrário da maioria dos casos onde os excluídos não têm outra opção, por vontade própria. O caso é que Mozart sabia que tinha um talento raro e que, este talento deveria coloca-lo em pé de igualdade com a nobreza, fato que não ocorria em seu período. Como afirmado: “a clara noção que tinha de seu extraordinário talento musical levava-o a se sentir igual, ou mesmo superior a eles. Era, numa palavra, um “gênio”, um ser humano excepcionalmente dotado, nascido numa sociedade que ainda não conhecia o conceito romântico de gênio”¹⁴.

Assim, da tentativa de ser um músico autônomo, ou melhor, um músico livre, Mozart foi definindo a medida que não encontrava, no final da sua vida, apoio das Cortes e, quando alguma o aceitava logo surgiam problemas entre ele e algum nobre. Isto acontecia porque ele se negava a cumprir o papel de um empregado qualquer, e também, porque não admitia ser tratado como tal. Foram várias as circunstâncias relatadas em que Mozart discutia, ironizava ou não atendia o pedido de algum membro da Corte, ou figura eclesiástica. Acentuando o problema, cada Corte que Mozart abandonava ou do qual era excluído pelo seu jeito inconformado, reduzia sensivelmente suas possibilidades de sucesso. Pois, sua fama de rebelde se espalhava rapidamente além de ser um desrespeito de uma Corte para com a outra aceitar um músico que era “propriedade” alheia. Mozart não era um alienado, ele sabia que isto poderia ocorrer. Porém seu desejo de liberdade era maior. Ele prosseguiu sua empreitada.

Mas a característica mais relevante da obra é que Elias, que sempre adotou modelos macro-sociológicos de longa duração, transita entre o micro e o macro, sem que haja nenhum choque aos leitores, tanto aqueles que buscam somente a história de Mozart, quanto aqueles que já estão habituados à densidade das obras elisianas. Esta transição se torna amena quando Elias explica a necessidade de se entender o individual através da influência da sociedade:

O destino individual de Mozart, sua sina como ser humano único e portanto como artista único, foi muito influenciado por sua situação social, pela dependência do músico de sua época com relação à aristocracia da corte. Aqui podemos ver como, a não ser que se domine o ofício do sociólogo, é difícil elucidar os problemas que os indivíduos encontram em suas vidas, não interessa o quão incomparáveis sejam a personalidade ou realizações individuais – como os biógrafos, por exemplo, tentam fazer. É preciso ser capaz de traçar um quadro claro das pressões sociais que agem sobre o indivíduo. Tal estudo não é uma narrativa histórica, mas a elaboração de um modelo teórico verificável da configuração que uma pessoa – neste caso, um artista do século XVIII – formava, em sua interdependência com outras figuras sociais da época.¹⁵

Elias, além de entender, explica a individualidade de Mozart. Sua identificação afetiva que, para o leitor menos atento passa a impressão de que o mundo todo onde Mozart viveu estava errado e apenas ele estava certo, não impede que Elias crie um modelo explicativo do caso. O autor chega a afirmar que, Mozart - quando conseguiu se desvencilhar dos cuidados do pai - passava por “seu processo civilizador

⁸ Novamente adentrando no campo da psicanálise, justificariamos a forma como Elias escreveu como um meio de negação ou fuga da realidade. Mesmo com a morte de Mozart ocorrendo há alguns séculos atrás, Elias, pela admiração que sentia pelas suas composições musicais, tenta negar o ocorrido e através de representações que tentam criar novamente o objeto perdido. Um exemplo comparativo é a maneira como os cristãos fazem a comunhão recebendo, simbolicamente o “corpo de Cristo” através da hóstia, usando do mecanismo de defesa Negação para reparar a morte de Cristo, acentuado ainda pela culpa já que sua morte ocorreu pelo erro dos próprios humanos.

⁹ ELIAS, N. *Op. Cit.*, p. 48.

¹⁰ *Ibid.*, p. 13.

¹¹ *Ibid.*, p. 63.

¹² *Ibid.*, p. 42.

¹³ Um outsider é um membro de um agrupamento de pessoas que vivem a margem da “boa sociedade”, consiste num conjunto heterogêneo e difuso de pessoas, unidas por laços sociais menos intensos do que os “Estabelecidos”. Maiores detalhes ver a obra: **Os Estabelecidos e os Outsiders** de Norbert Elias John L. Scotson. pp. 7-8.

¹⁴ Elias, N. *Op. Cit.*, p. 23.

¹⁵ *Ibid.*, pp. 18-19.

pessoal¹⁶.

Além disso, quando as possibilidades de elucidações sociológicas eram dificultadas, Elias recorre ao campo hipotético¹⁷, uso metodológico não muito comum em seus escritos, mas fundamental para a “humanização” da história-sociológica da vida de Mozart, vejamos um exemplo: “Ao que parece, Mozart, embora orgulhoso de si e de seus dons, não tinha, no fundo do coração, nenhum amor por si mesmo, e pode-se muito bem imaginar que ele não se achava particularmente digno de amor. Não era de aparência atraente. A primeira vista, seu rosto era pouco sedutor; é possível que desejasse um rosto diferente quando se olhava no espelho¹⁸”.

Elias, em alguns momentos, abandona as “certezas” e as “verdades”, provavelmente ele sabia que trabalhando categorias extremamente subjetivas como “amor” e “felicidade” existiriam dificuldades para se fazer constatações conclusivas.

Cai o pano

Sem dúvida alguma, a vida de Wolfgang Amadeus Mozart não pode ser considerada uma vida qualquer. Tampouco uma vida simples como a de um moleiro ou um padre exorcista - estudos de caso pesquisados sobre a ótica da Micro-História. Contudo, Elias abre uma nova possibilidade, baseada tanto nas minúcias que cercam o “micro”, quanto nas explicações generalizantes que permeiam o “macro”. Sem deixar de lado suas teorias sociológicas Elias recria a vida de Mozart. O leitor (acadêmico ou não) que tem a curiosidade de ler a obra - mais do que entender um pouco sobre as teorias elisianas - se sensibilizará com as dificuldades de Mozart e com o desperdício de um talento extraordinário sacrificado pelo desejo de liberdade, enfim, o leitor sentirá um imenso prazer de estar lendo uma obra de valor literário inestimável.

Abstract

Collection of several papers and essays by Norbert Elias, Mozart – The Sociology of a Genius shows sociological analysis under another perspective, full of solidarity and affective identification of the author with his study subject. The work, which was “built” after Elias’ death, demonstrates the maturity of his latest years of life, when he uses hypotheses and interdisciplinary approach – combining sociologic analyses and psychoanalytical interpretation – to better understand Mozart’s life.

Key words: Norbert Elias; Mozart; literature.

Bibliografia

CHARTIER, R. **A História Cultural: entre práticas e representações**. Lisboa: Difel, 1988.

ELIAS, N.; DUNNING, E. **Deporte y Ocio en el Proceso de la Civilización**. México: Fondo de Cultura Económica, 1995.

_____. **A Busca da Excitação**. Rio de Janeiro: Difel, 1997.

ELIAS, N. **A Sociedade dos Indivíduos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994.

_____. **Introdução à Sociologia**. Portugal: Edições 70, 1980.

_____. **Mozart, sociologia de um gênio**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1995.

_____. **O Processo Civilizador: v. I – uma história dos costumes**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1990.

_____. **O Processo Civilizador: v. II – formação do estado e civilização**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1990.

ELIAS, N.; SCOTSON, J. L. **Os Estabelecidos e os Outsiders**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.

GINZBURG, C. **A Micro-História e Outros Ensaios**. Lisboa: Difel, 1989.

_____. **Mitos, Emblemas e Sinais: morfologia e história**. São Paulo: Cia. das Letras, 1996.

_____. **O Queijo e os Vermes: o cotidiano e as idéias de um moleiro perseguido pela Inquisição**. São Paulo: Cia. das Letras, 1998.

LEVI, G. **A Herança Imaterial: trajetória de um exorcista no Piemonte do século XVII**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.

¹⁶ *Ibid.*, p.121.

¹⁷ Sobre as possibilidades do campo hipotético, ver as obras de: GINZBURG, C. **Mitos, Emblemas e Sinais – Morfologia e História**. *A Micro-História e outros Ensaios*. **O Queijo e os Vermes**. Também ver a obra de: LEVI, G. **A Herança Imaterial**.

¹⁸ ELIAS, N. *Op. Cit.*, pp. 13-14.